

Express Luanda.

Trajetos e trajetórias de comerciantes angolanas em trânsito na cidade de São Paulo

Léa Barreau-Tran¹

Resumo

Muitas mulheres angolanas casadas, mães ou solteiras encontraram no comércio internacional informal um meio de sustentar a família. Viajam para o Brasil, China ou Índia à procura de mercadorias de baixo custo transportando-as nas malas para serem revendidas em Luanda. Divididas entre os desafios de ser uma empresária do capitalismo globalizado “por baixo” e os papéis de mulher/mãe/esposa, as comerciantes confrontam-se com a imagem negativa da mulher viajante veiculada na sociedade angolana. Esta mobilidade económica e geo-espacial interfere na representação de si mesma como mulher e na construção das relações de género e de poder. Através de uma análise das tensões entre a família e o trabalho e da observação dos corpos femininos nos processos de negociações económicas, o artigo mostra como as comerciantes africanas questionam os antigos modelos e reinventam novas experiências enquanto mães e empresárias.

Palavras-chave: Comércio transnacional, mulheres, moda popular, Brasil, Angola.

Abstract

Many Angolan women seek in the informal international trade a mean to support their families. They travel to Brazil, China or India and bring back to Luanda low cost goods in order to sell them. Torn between the challenges of being a businesswoman in the globalized capitalist economy “from below” and the roles of a woman / wife / mother, those (women) traders have to confront with the poor image of women travelers. However, this economic and geo-spatial mobility offers them a new self-representation as a woman and has an impact on gender and power relations. Through an analysis of the tensions between the family and the work spheres as well as an observation of women’s bodies in the process of economic negotiations, this article argues the African women traders are questioning the old models and reinventing new experiences as mothers and businesswomen.

Keywords: transnational trade, women, popular fashion, Brazil, Angola.

As formigas da globalização

“O primeiro voo da SA² começa às 11 horas e o outro voo às 14 horas, então das 10 horas até às 12 horas não tenho tempo para respirar. São as bagagens... É a agência que vai mandar isso. Mas para a gente que vai fazer o despacho de mercadoria, eles querem a fatura. Sem a fatura, a

¹ Doutoranda no instituto *Les Afriques dans le Monde*, UMR 5115, F – 33600 Pessac France.

² Companhia aérea Sul-Africana *South African Airlines*.

mercadoria não pode viajar. Devo verificar tudo aquilo que tem dentro das malas, se não os alfandegários vão complicar”³.

Salim tem 40 anos, é originário do Senegal e trabalha na agência *Express Luanda*, onde é responsável pelo empacotamento de centenas de caixas de papelão antes da partida de cada voo da companhia aérea sul-africana. Situada no bairro comercial do Brás⁴, no centro de São Paulo (Brasil), a agência de transporte é especializada no envio de mercadorias brasileiras para Luanda (Angola), Kinshasa (República Democrática do Congo) e Joanesburgo (África do Sul). As três cidades africanas são pontos-chave do comércio internacional com os países do Sul⁵. No bairro do Brás, todas as empreendedoras africanas querem os serviços do Salim: ele é o melhor a organizar as caixas! Os quilos de roupas, sapatos, sandálias havaianas, carteiras empilhados no meio da sala da agência *Express Luanda* estarão à venda daqui a algumas horas nas lojas das capitais africanas.

Para escolher os produtos, Jorge, um empresário congolês que cresceu em Angola e que vive em São Paulo há cinco anos, conta que a sua irmã lhe envia fotografias pelo *Facebook*. Ele compra e despacha através da Agência *Luanda Express*. Constantemente informado sobre os preços dos produtos e as variações das moedas (entre o dólar e o real), ele diz que conhece as tendências da moda. Ao contrário da irmã de Jorge, Suzete e Carlinda (comerciantes angolanas) não confiam nos gostos de um intermediário. Preferem vir buscar os produtos diretamente a São Paulo. Só elas sabem as exigências das suas clientes de Luanda. Tampouco utilizam a Agência *Express Luanda*, por ser muito demorada. A moda não espera! Elas querem ser as primeiras a chegar com o produto novo que fará sucesso. “Nossos clientes querem a moda brasileira, querem as roupas que saem na novela. Não querem comprar roupa da China. Mas, se vêem *Made in Brasil* então eles compram!”⁶ explicam elas. Estas “formigas da globalização”⁷ conseguem adaptar-se ao mercado global e à

³ A entrevista com Salim foi realizada no dia 12 de Junho de 2013, nas dependências da Agência *Express Luanda*, situada na rua Joaquim Nabuco, no bairro do Brás, em São Paulo. Os nomes dos entrevistados foram modificados para manter o anonimato.

⁴O Bairro do Brás é o ponto central da produção de roupas no Brasil. Este centro económico é um ponto de encontro

dos produtores originários da Bolívia, do Paraguai e das zonas pobres do interior brasileiro e dos compradores vindos de todas as regiões do Brasil (sobretudo do Nordeste) e do mundo (África, América Latina e Ásia).

⁵O comércio entre as três cidades africanas em questão com os países emergentes, como China, Índia e Brasil, tem vindo a intensificar-se desde os anos 2000 (Bertoncello, 2007; Guiheux, 2012; Le Bail, 2009).

⁶A entrevista com Suzete e Carlinda foi realizada informalmente no dia 7 de Maio de 2013, no decorrer da conversa, durante uma observação que realizei na *Feira da Madrugada* quando as duas comerciantes estavam a fazer as suas compras.

⁷ Por globalização entendemos, nos termos do Boaventura de Sousa Santos (2005: 525), os “sistemas de produção e das transferências financeiras, à disseminação, a uma escala mundial, de informação e imagens através dos meios de comunicação social ou às deslocações em massa de pessoas, quer como turistas, quer como trabalhadores migrantes ou refugiados”.

procura local, desenvolvendo estratégias empresariais informais e contornando a rigidez aduaneira da importação (Tarrus, 2002).

Os perfis das mulheres que praticam o comércio internacional são variados. Oscilam entre mulheres de classes baixas sem ensino básico, vendedoras nos mercados de Luanda, donas de “boutique” no centro de Luanda, estudantes à procura de rendimento extra ou até mesmo trabalhadoras do setor público que procuram completar os salários baixos com a venda dos produtos às colegas de serviço. Chamadas “Muambeiras” em Angola ou “Sacoleiras” no Brasil, as comerciantes dispõem de uma rede de serviços para facilitar o negócio: hotéis, restaurantes africanos, e sistemas de câmbio e de comunicação telefónica informais. Criam-se nestes espaços “comunidades transnacionais” com uma forte capacidade criativa de adaptação ao “capitalismo por baixo” (Portes, 1999).

Para Rita, a exercício do trabalho de importadora exige uma grande logística para poder conciliar os períodos fora de casa com a responsabilidade de cuidar dos filhos e do lar. Esta comerciante angolana de 51 anos é mãe de 5 filhos. Durante as viagens a São Paulo, costuma delegar as tarefas de casa à filha de 18 anos e ao neto (originário da uma província pobre do Sul de Angola)⁸. A questão da conciliação da vida privada com a vida profissional – sobretudo quando essa implica um alto grau de mobilidade – é um dilema sublinhado por muitos estudos sobre género e migração (a título de exemplo: Bredeloup, 2012; Adjamagbo & Calvès, 2012; Grassi, 2003; Manry, 2006; Morokvasic, 2010; Sylvanus, 2009). A mobilidade laboral pode proporcionar, de facto, formas de autonomização que se confrontam com a ordem moral das sociedades africanas contemporâneas. Isto porque as comerciantes exercem um trabalho que ocorre fora do controle familiar e que implica uma ausência repetida do lar. Neste sentido, o casamento ou a vida familiar agem como estruturas que enquadram um conjunto de regras na qual o sexo e a intimidade da mulher devem ser restritos às quatro paredes do quarto do casal (Foucault, 1976)⁹. Será que existe uma contradição entre o contrato implícito do papel de mãe e a prática de uma atividade durante

⁸São crescentes os estudos que sublinham que a entrada das mulheres no mercado de trabalho tem tido consequências dramáticas para o trabalho infantil, nomeadamente para os membros das famílias originárias das províncias mais pobres de Angola como Huambo, Bié, Kuando-Kubango, Cunene e Malange. Estas províncias apresentam altos níveis de insegurança alimentar e vulnerabilidade, uma informação baseada num levantamento efetuado pelo Programa Alimentar Mundial em 2005, divulgado no jornal angolano *O País*, no dia 18 de novembro de 2011, <http://www.opais.net/pt/opais/?det=22742>, consultado no dia 29 de Janeiro de 2014.

⁹Referimo-nos aqui à seguinte citação de Foucault: “La sexualité est alors soigneusement renfermée. Elle emménage. La famille conjugale la confisque. Et l'absorbe toute entière dans le sérieux de la fonction de reproduire. Autour du sexe, on se tait. Le couple, légitime et procréateur, fait la loi. Il s'impose comme modèle, fait valoir la norme, détient la vérité, garde le droit de parler en se réservant le principe du secret. Dans l'espace social, comme au coeur de chaque maison, un seul lieu de sexualité reconnue, mais utilitaire et fécond : la chambre des parents.” (1976:9-10).

a qual a mulher “abandona” as suas responsabilidades e tem o corpo exposto a outros homens? As viagens e o tempo fora do lar são, efetivamente, alvo de muitas críticas por parte dos homens e dos familiares das mulheres entrevistadas mas observa-se, por outro lado, uma resistência e um desejo de continuar o negócio, apesar dos rumores que discriminam as mulheres viajantes. Com efeito, nos discursos das mulheres, as viagens possibilitam uma outra percepção de si mesmas e proporcionam até uma maior capacidade de decisão em relação às suas trajetórias de vida.

Corpos e mercadorias globalizados/as



Em frente à agência *Express Luanda*, rua Joaquim Nabuco, no bairro do Brás, em São Paulo (fonte própria).

Durante várias décadas, a migração laboral feminina foi considerada passiva, pois os movimentos das mulheres eram geralmente associados ao reagrupamento familiar (Bredeloup, 2012; Morokvasic, 2010). Foi apenas na primeira década deste novo século que os estudos sobre África começaram a entender as migrações das mulheres como migrações de trabalhadoras independentes. Hoje em dia, observa-se uma multiplicidade de trajetórias de mulheres africanas que conciliam o trabalho, a faculdade e a gestão das tarefas de casa. Estas trajetórias devem ser pensadas no quadro da globalização: por serem corpos movidos na esfera internacional questionam a própria construção das identidades, dos corpos e dos sexos entre o local e o global (Ramalho, 2005).

Há mais de 14 anos que Suzete e Carlinda fazem as suas compras na *Feira da Madrugada*¹⁰ de São Paulo. Nesta feira noturna, Suzete é a líder do seu grupo de amigas. Quando anda pelas

¹⁰É chamada Feira da Madrugada porque fica aberta das 0 horas até às 8 horas da manhã, de forma de contornar os controlos fiscais e a não fazer concorrência às lojas abertas durante o dia no Bairro do Brás.

galerias do mercado ela fica sempre à frente para escolher os produtos que lhe chamam a atenção. A sua prima Carlinda e a sua colega Rita estão sempre atrás, à espera que a Suzete negocie os preços¹¹ com os vendedores. Para negociar, Suzete usa o corpo como estratégia de sedução: ela faz poses, caretas ou abraça os vendedores, criando com eles uma proximidade que poderá ser benéfica para o negócio. Ao passar em frente à banca de Eduardo, um vendedor brasileiro, ela pergunta: “oi Eduardo, já tem namorada? Porque você não quer ficar comigo? Você não gosta das pretas?! ”¹², e continua a rota rindo-se com as suas colegas.

Suzete tem 31 anos, nasceu no Congo, e é filha de pai congolês e de mãe angolana. Os seus pais conheceram-se durante a guerra, depois da família da mãe ter fugido para Kinshasa. Depois da morte do pai, Suzete voltou para Luanda, foi viver em casa de uma irmã e começou a trabalhar dentro da sala de aula, vendendo milho torrado. Na sua trajetória de trabalho, duas figuras foram essenciais: a sua mãe, que também vendia roupas na cidade, e uma pessoa amiga, que lhe mostrou o caminho do negócio internacional. Este parece ser o perfil típico das Muambeiras: esta atividade é, em geral, transmitida de mãe para filha. No entanto, na segunda geração constata-se um salto em termos de rendimentos e uma internacionalização da atividade de vendedora. No início, Suzete começou a viajar de avião para a África do Sul, onde comprava fatos para homens. Agora vem ao Brasil pelo menos uma vez por mês, consoante os lucros do negócio, e pretende, um dia, ir à China. Atualmente separada, Suzete tem apenas um filho e refere que a sua prioridade é ela mesma: “se tem para dar tem, mas primeiro, ao início sou eu”¹³. A trajetória de Suzete revela que os processos de autonomização financeira podem transformar-se em formas de individualização que diminuem a responsabilidade dos indivíduos em relação às solidariedades familiares (Marie, 2008)¹⁴.

Sair do país, sair da sua condição

Vaumara, jovem angolana de 27 anos, teve desde pequena o desejo de sair da sua condição familiar e começou a trabalhar cedo, pois perdeu o pai com 7 anos de idade. Originária de

¹¹Na *Feira da Madrugada*, uma camisa que custa 10 reais (4, 37 US dólares) poderá ser revendida em Angola no máximo por 10 US dólares.

¹²Esta entrevista foi realizada no contexto da observação que levei a cabo junto das comerciantes na Feira da Madrugada, no dia 7 de Maio de 2013.

¹³Esta entrevista foi realizada no quarto de hotel de Suzete e Carlinda, no dia 9 de Maio de 2013.

¹⁴Um dos primeiros textos que tem demonstrado esses processos foi publicado na obra coletiva *L'Afrique des individus* (2008) de MARIE Alain, VUARIN Robert, LEIMDORFER François, WERNER Jean-François, GERARD Etienne, TIEKOURA Ouassa, a editora francesa Karthala.

Benguela, filha de um político, a sua família fugiu para Luanda, onde a sua mãe trabalhava na chamada África Têxteis. “Comecei a trabalhar aos 16 anos porque eu queria um estilo de vida que a minha mãe não podia dar”¹⁵. Começou a trabalhar numa “boate noturna”, depois em lojas e restaurantes. Com as poupanças que fez entrou no curso de Relações Internacionais e conheceu uma pessoa que lhe mostrou o caminho das viagens para o exterior: “em princípio em países vizinhos que é[sic] Congo, África do Sul, Namíbia, foram os primeiros países para os quais eu viajei. E depois foi estendendo-se, fui à Tailândia, ao Dubai, ao Brasil... China, por aí”.

Desde que começou a trabalhar e a viajar, Vaumara mudou a sua conceção das relações dentro do casal. As coisas mudaram muito em Angola: o marido já não deve ser o único garante do sustento da família. A contribuição financeira da mulher obriga a uma divisão do orçamento entre o casal dentro do lar: “agora já não é assim, se o homem tiver, se a mulher tiver também coloca. E senão, se o outro não tiver, o outro põe, e é assim. Como vivem os casais normais”¹⁶. Vaumara argumenta que a sua autonomia está diretamente ligada com a sua capacidade de gestão do seu próprio dinheiro: “o meu dinheiro tem a ver comigo, não tem a ver com ninguém. Tanto mais que sou solteira, não tenho isso. Às vezes quando eu preciso de um toque na contabilidade, o meu irmão vê lá por mim e ele é que faz alguma coisa por mim”¹⁷.

Hoje em dia Vaumara divide o seu tempo entre as aulas e as idas à China e ao Brasil, procurando encontrar um equilíbrio entre as vantagens dos dois países, porque cada um oferece produtos diferentes. Para ela, o Brasil “é mais *light*. Na China são mais frios, é um pouco mais restrito, eles são muito preservadores”. Para ela a proximidade de Angola com Brasil facilita o intercâmbio: “o estilo de vida do angolano é quase O do brasileiro. Eles são alegres, eles lidam com qualquer pessoa, não têm muitas restrições, é um povo que se parece muito”. Enquanto na China, a relação com os vendedores é mais complicada: “eu acho que eles têm também um pouquinho de racismo. Sim, tem vezes que a gente sobe *pro* elevador, eles viram *pro* outro lado, a gente ‘*tá* chegando, ele tem tendência de tapar o nariz”.

Na sua trajetória de vida e de trabalho, Vaumara parece ter os recursos materiais e ideológicos para pensar a sua emancipação em termos de autonomia e de igualdade entre os sexos. Bachmann utiliza precisamente o conceito foucauldiano de “*soucis de soi*” para descrever esses “mecanismos de apropriação da exigência de igualdade e autonomia” (2010: 12).

¹⁵ Entrevista realizada no dia 2 de Junho, no café brasileiro situado em frente ao Hotel Vitória.

¹⁶ Entrevista realizada no dia 12 de Junho de 2013, num bar situado ao pé do Hotel Vitória, no bairro do Brás.

¹⁷Idem.

Dinheiro, amor e desconfiança

Pelas histórias de vida, percebe-se que os laços do casamento já não parecem ser um obstáculo em relação às escolhas da vida profissional, como no caso de Cláudia, para quem a separação é contada como um evento que melhorou a sua vida e lhe permitiu continuar a carreira profissional. Cláudia refere que a separação foi uma decisão que melhorou sua vida porque seu marido não trabalhava: “não queria trabalhar, só queria vida de ficar assim, ter aquela vida não dá. Preferi deixar”. Será que a autonomia económica de Cláudia possibilitou outras escolhas de relacionamentos? Para esta comerciante, o perfil ideal de homem é aquele que “pode dividir despesa que eu tenho com ele, que pode me ajudar. Há momentos que eu fico sem dinheiro, ninguém pode me ajudar”. Neste ponto de vista, as relações são pensadas de forma utilitária, como fonte de apoio e de rendimento, capaz de criar uma fonte de sustento para o comércio. Tal como no caso das Rabidantes de Cabo Verde¹⁸, novos modelos familiares vêm a aparecer para adaptar-se ao trabalho da mulher fora de casa (Grassi, 2003).

Francisca tem uma banca no mercado de Luanda onde vende roupas, bijuterias falsificadas, cabelos, Havainas, perfumes, entre outros. Esta comerciante de 34 anos vive com o marido, mas não tem filhos. Ela explica que é estéril por causa de um problema ginecológico: “meu problema no útero é algo que mata bebés”¹⁹. Como muitas Muambeiras, Francisca vem ao Brasil uma vez por mês e durante este tempo é a sua irmã quem cuida da banca. Francisca admite que no que respeita ao negócio ela não confia no seu marido: “você nunca deve confiar no seu marido, eles são ladrões! É por isso que eu prefiro trabalhar com o meu irmão, é melhor trabalhar com a família. Talvez seu irmão, ele vai roubar uns US \$ 100 ou \$ 200, mas o meu marido, ele pode apenas levar tudo e deixar-me”. O dinheiro que Francisca ganha com o negócio permite-lhe investir na construção de uma casa que, mais tarde, vai alugar. Apesar de auferir melhor rendimento comparativamente ao seu marido, Francisca simplesmente complementa a renda familiar. É regra o marido não saber nem dos lucros do negócio, nem do número de seu cartão de crédito. Ela sorriu e disse que em Angola as coisas são assim: ela ganha dinheiro, mas o marido não sabe. “Homem

¹⁸Rabidante (porque se mexe) é o agente de um tipo de comércio "informal". Em Cabo Verde, este tipo de actividade constitui um eixo importante dos movimentos económicos e culturais transnacionais que perpassam este país insular de migrantes e que o ligam ao mundo. Formam-se, assim, redes em que os homens, mas sobretudo mulheres, exploram as margens da globalização económica”. Ver sobre isso o estudo de Marzia Grassi, *Rabidantes. Comércio Espontâneo Transnacional em Cabo Verde*, publicado em 2003.

¹⁹ Entrevista realizada no dia 2 de Junho, no café brasileiro situado em frente ao Hotel Vitória.

angolano tem olho tem. Se sabe que mulher ganha, vai querer puxar, puxar!”²⁰. Francisca também desconfia dos seus vizinhos porque “as pessoas são muito ciumentas”²¹. Quando ela viaja para o Brasil, ela não deixa que ninguém o saiba. A mãe, a irmã e o marido são os únicos conscientes de seus movimentos. Assim, uma grande parte do comércio é feito às escondidas, de forma silenciada, como se a sua profissão fosse colocar em risco a sua reputação. Ao analisar a história de vida de Francisca, podemos notar uma necessidade de silenciar não só a mobilidade geográfica, mas também a mobilidade económica resultante dos lucros do negócio. Essa preocupação revela, a nosso ver, uma resistência da sociedade angolana face ao crescimento económico das mulheres no caso de a profissão se encontrar socialmente desqualificada, como por exemplo o trabalho de muitas mulheres migrantes (Morokvasic, 2010).

A mulher que viaja tem má fama



Manequins com roupas de moda popular das lojas do bairro do Brás, em São Paulo (fonte própria).

A questão da honra e da reputação da mulher viajante é um dado que atravessa muitas histórias que recolhi sobre as Muambeiras²². Segundo Francisca, “muitas mulheres [comerciantes] têm namorados aqui [no Brasil]. Elas dão 100, 200 dólares para eles viverem. Há muitas mulheres que

²⁰Entrevista realizada no dia 3 de Junho de 2013, no restaurante africano do Hotel Vitória no bairro do Brás.

²¹Entrevista realizada no dia 3 de Junho de 2013, no restaurante africano do Hotel Vitória no bairro do Brás.

²²A questão dos rumores e da má fama das mulheres que viajam para o Brasil também pode dever-se ao facto de muitas mulheres se prestarem a desempenhar o papel de “mula” ou transportadoras de droga do Brasil para África, uma tentação na qual caem devido aos altos e rápidos lucros que proporciona. O trabalho de Bruna Brumachar (2012) sobre as mulheres presas na Penitenciária de São Paulo, que analisa o papel do uso das telecomunicações para manter um laço com a família que está distante, testemunha da presença de mulheres africanas presas no Brasil por causa de tráfico de drogas.

têm um homem aqui e ali”²³. Mas ela não. O seu objetivo é ganhar dinheiro, pelo que não quer gastar seu dinheiro com um amante. Estes rumores – tanto alimentados pelas mulheres como pelos homens traduzem formas de resistências da sociedade Angolana perante a autonomia económica da mulher. Mas esta questão não é específica de Angola. O caso das comerciantes argelinas mostra grandes similaridades: as “trabendistes” (comerciantes transnacionais) tentam preservar-se da má reputação associada à atividade e à ausência durante as viagens comprando presentes para oferecer aos familiares (Manry, 2006). A autora sublinha a necessidade de se justificar perante os parentes para que estes possam “perdoar” as atividades feitas fora do lar. São também relatados casos mais problemáticos de conflitos dentro do casal. Tal é o caso de Zina, a quem o marido confiscou o passaporte, ameaçando denunciá-la às autoridades por “abandono do lar”.

O caso de Mónica, 32 anos, 3 filhos, ilustra também essas tensões. O seu marido não apoia as suas viagens: “*Tá a ver como os homens são? Eles gostam que fique em casa, cuidar de casa, cuidar dos filhos mas não têm possibilidade para [sic] me sustentar.*” Mónica teve o seu primeiro filho aos 16 anos e o outro aos 20. Enquanto grávida não conseguia ir à escola, e por isso teve de arranjar um negócio para sustentar o filho. Foi ao Brasil pela primeira vez em 1994 para comprar calças e blusas. Mas dessa vez, a viagem foi diferente. Mónica decidiu levar os filhos com ela e ficar longe do marido durante dois meses. Durante este período, ela vai mandar mercadoria para sua irmã que tem uma banca no mercado em Luanda.

Deste ponto de vista, a viagem ou a mobilidade são entendidas como espaço de liberdade da mulher: a mulher que viaja está fora do controle familiar ou social. Neste sentido, a imagem das mulheres que viajam é rodeada de um silêncio que encoraja um imaginário de rumores e má reputação. O trabalho de Nina Sylvanus (2009) sobre os rumores associados à figura de sucesso das Nana-Benz²⁴ mostra que há uma desconfiança em relação à prosperidade económica da mulher, associando-se o dinheiro ao poder mágico. Assim, existe a ideia que a mulher que tem poder económico não pode ser fruto do seu trabalho, mas de um poder misterioso que explicaria o seu sucesso.

Para Cláudia, o problema é o “ciúme, [os homens] têm ataques de ciúmes. Eu acho que são

²³Entrevista realizada no dia 3 de Junho de 2013, no restaurante africano do Hotel Vitória no bairro do Brás.

²⁴Mulheres de negócio do Togo, especializadas nos tecidos WAX para fazer capulanas. Ver o artigo de Nina Sylvanus (2009) « Commerçantes togolaises et diables chinois, une approche par la rumeur » in *Afrique, la globalisation par les Suds*, Revue de politique africaine n°113, Karthala, Paris, p 55-91

aqueles homens que pensam que se mulher viaja, namora”²⁵. Apesar dos ciúmes e das tentativas de controlo, as comerciantes angolanas do Brás não estão dispostas a abdicar do trabalho, como é o caso da Vaumara, que conta já ter tido um namorado que não queria que ela viajasse, mas não abdicou: “eu não posso deixar de fazer a minha vida para viver a vida do meu namorado. Eu tenho a minha vida, eu tenho as minhas prioridades. Eu penso diferente, eu sou eu. Eu não vou deixar de viver a vida por mim para viver a vida do meu namorado. Acho que isso não é correto então eu não faço”²⁶.

Conclusão

A questão do impacto da migração feminina, isto é, da mobilidade laboral das mulheres sobre as relações sociais de sexo é um desafio central das pesquisas contemporâneas sobre os países do Sul. Uma parte das pesquisas realizadas no campo dos estudos de género e migração constata uma maior liberdade das mulheres que migram, uma vez que adquirem autonomia financeira, enquanto outra parte dos estudos observa uma estabilização da ordem estabelecida, ou até uma intensificação da dominação e uma exacerbação das desigualdades resultantes das condições de trabalho. É, de facto, uma questão complexa que deve ser tratada com o maior cuidado, dado que as trabalhadoras migrantes, à semelhança daquelas que estão presentes no nosso estudo, devem fazer face a grandes contradições. Como ser chefe de família quando o provedor da família é, tradicionalmente, o homem? Como continuar a assumir o papel de mãe apesar da distância e da ausência? Como lidar com a desqualificação social ligada à imagem negativa associada à mulher viajante?

No nosso estudo pareceu-nos relevante procurar compreender a distância entre os discursos e as práticas. Apesar da desqualificação social veiculada nos discursos em geral e até mesmo no discurso da mulher viajante sobre si mesma, nota-se uma resistência à manutenção das práticas, que se traduz no florescimento do negócio. O marido que “não gosta da mulher que viaja” é, de certa forma, um protótipo, é um homem que elas não têm e não gostariam de ter. Estas resistências são mais ou menos silenciosas. Algumas mulheres agem longe do olhar do marido, dos vizinhos ou da família, enquanto outras reconfiguram o modelo familiar tradicional ou assumem escolhas de vida voltadas para a realização ou a formação pessoal. No entanto, a capacidade de

²⁵Entrevista realizada no dia 9 de Abril, no contexto de uma conversa informal com um grupo de comerciantes que encontro no Hotel Vitória.

²⁶Entrevista realizada no dia 12 de Junho de 2013, dentro de um bar situado ao pé do Hotel Vitória, no bairro do Brás.

reverter as desigualdades de género a seu favor manifesta-se através da existência de um conjunto de pequenos compromissos que evitam uma confrontação mais direta da ordem tradicional (se assim a podemos chamar). De facto, o comércio transnacional que descrevemos neste estudo, não deixa de ser um trabalho ingrato, stressante e depreciativo praticado como fonte de sobrevivência de mulheres subalternas. Se a dependência em relação ao homem diminui, a dependência do mercado de trabalho globalizado continua e tenderá a aumentar.

Referências Bibliográficas

- ABJMAGBO, Agnès & CALVÈS Anne-Emmanuèle (2012), "L'émancipation féminine sous contrainte", *Revue Autrepart*, 61, 3-21.
- BACHMANN, Laurence (2010), "Les préoccupations émancipatrices des femmes à l'épreuve de la morale familiale. Une étude à travers le révélateur du rapport à l'argent dans le couple", *Revue suisse de sociologie*, vol 36, 55-71.
- BERTONCELLO B., BREDELOUP S. et PLIEZ O. (2009), "Hong Kong, Guangzhou, Yiwu: de nouveaux comptoirs africains en Chine", *Critique internationale*, 2009/3, 44, 105-121.
- BREDELOUP, Sylvie (2012), "Mobilités spatiales des commerçantes africaines : une voie vers l'émancipation?", *Revue Autrepart*, 61, p23-39.
- DE SOUSA SANTOS, Boaventura (org) (2005), *Globalização. Fatalidade ou utopia?* Porto: Edições Afrontamento.
- GUIHEUX, Gilles (2012), "Travailleurs migrants du prêt-à-porter en Chine. Flexibilités et opportunités", *Revue européenne des migrations internationales, Migration et confection*, vol. 28 – n°4, 17p.
- GRASSI, Marzia (2003), *Rabidantes, Comercio Espontâneo Transnacional em Cabo Verde*. Lisboa: Ed. Imprensa de Ciências Sociais e Spleen Edições, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- GUILLAUMIN, Colette (1992), *Sexe, Race et pratique du pouvoir, L'idée de nature*. Paris: Éditions Côté-femmes.
- FOUCAULT, Michel (2011 [1976]), *Histoire de la sexualité I, la volonté de savoir*. Paris: Gallimard.
- LE BAIL, Hélène (2009), "Les grandes villes chinoises comme espace d'immigration internationale: le cas des entrepreneurs africains", *Revue de l'IFRI, Asie Vision*, 19, 28p.
- MOROKVASIC, Mirjana (2010), "Le genre est au coeur des migrations", in Jules Falquet, Helena Hirata, Danièle Kergoat, Brahim Labari, Nicky Le Feuvre, Fatou Sow (dir.), *Le sexe de la mondialisation, Genre, classe race et nouvelle division du travail*. Paris: Les presses Sciences Po, 105-109.
- PORTES, Alejandro (1999), "La mondialisation par le bas", *Actes de la recherche en sciences sociales*, Vol 129, 15-25.
- TARRIUS, Alain (2002), *La mondialisation par le bas, les nouveaux nomades de l'économie souterraine*. Paris: Éditions Balland.
- SYLVANUS, Nina (2009), "Commerçantes togolaises et diables chinois, une approche par la rumeur", *Afrique, la globalisation par les Suds*, Revue de politique africaine, 113, Karthala, Paris, 55-91.